



Cidade das crianças (Livrete 3)

Arte e urbanismo com crianças e adolescentes para criar
a Florianópolis do sonho das crianças pequenas

“O olho vê,
A lembrança revê
E a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo”
-Manoel Barros





A cidade



— A minha mãe também gostou de ti — sussurrou a bebezinha para o Pequeno Príncipe enquanto brincava de construir castelos de areia na praia. — Quer tomar café da tarde em casa com a gente?

A pesca não tinha sido de muito sucesso. Só três pequenos peixes e uns caranguejos estavam no convés da canoa, mas ainda assim a mãe da bela bebezinha cantava e assobiava enquanto remava de volta à cidade. Passou um iate e o banzeiro quase capotou a canoa, mas a mamãe endireitou direitinho, e seguiu cantando.

As viagens entre planetas e asteroides tinham ensinado muita coisa ao Pequeno Príncipe, mas ele costumava chegar a um mundo onde tinha uma ou duas pessoas, uma flor ou uma raposa... assim, quando a canoa passou por umas pedras, o menino ficou assustado.

— O que é isso? — perguntou. — Todas essas caixas ao lado da água?

— Caixas? Não entendo — respondeu a bebezinha. — Quer dizer as casas? Uma casa é onde as pessoas moram.

— Mas tantas...

— Também estranho, mas é o que chamam de cidade — declarou a bebezinha.

Dentro de pouco chegaram num pequeno cais. Saíram do barco para entrar uma máquina grande — Ônibus, adoro andar de ônibus! — gritou a bebezinha.

O ônibus subiu um grande morro até que pudessem ver a cidade inteira abaixo dele. O Pequeno Príncipe estava assustado pois nunca tinha visto tantas pessoas, casas, estradas... A bebê tinha razão: esta ilha era muito bela, mas também difícil para viver. Da janela podiam ver cenas de mulheres agarradas com crianças para não perdê-las; homens engravatados correndo com malas nas mãos, filas de carros esperando vagas para estacionar...

Descendo o morro dentro da grande máquina acima de rodas, o Pequeno Príncipe ficou enjoado de tantas curvas e viradas, mas a bebezinha mostrou como abrir a janela, e o ar livre ajudou o Pequeno Príncipe. Só que... o ar não era tão livre assim. Tinha um cheiro forte de máquinas.

De repente, parou o ônibus e a bebezinha quase voou dos braços da sua mãe. A bebezinha começou a chorar.

Olhando pela janela, o Pequeno Príncipe viu que a grande máquina onde estavam ficou parada atrás de um montão de outras máquinas. Tinha tantas outras que ninguém conseguia

rodar. As pessoas começaram a ficar com raiva, e a bebezinha seguia chorando.

A mãe conseguiu acalmar a bebezinha, que voltou a sorrir e brincar... mas nada ia acalmar o pessoal na fila de carros e caminhões!

Fizeram o resto da viagem a pé, seguindo por num caminho bem estreito e perigoso, onde a mãe carregava num braço o peixe pescado e no outro equilibrava uma sacola a bebe, que não parava de se virar para falar com seu novo amigo estrangeiro. Ufa, chegaram em casa.

A bebezinha, vendo a agonia do Pequeno Príncipe, disse — Agora você entende porque eu disse que a cidade é linda e complicada?

Pequeno Príncipe acenou positivamente. Ainda estava assustado com o que vivera em poucos minutos. E lembrou que nunca perguntara o nome da menina — Ayana Catharina — Disse ela, feliz. E sorriram entre si, felizes de haverem se encontrado.



O Maquete da Cidade

O que precisa uma casa para um bebê, uma criança?
O que precisa o bairro? Vamos construir isso no
maquete?

Vamos imaginar que estamos lá em cima do morro
junto com Ayana e o Pequeno Príncipe olhando e
pensando na cidade onde todos os seres vivos
possam ter seu lugar?

Vamos situar os
morros e a floresta,
rios e cachoeiras;
claro, o mar e o
lugar dos animais.
Ache um lugar para
cada coisa.

A arquitetura é o
estudo das formas
de representar as
construções

humanas. A representação de uma construção em
pequena escala chama-se maquete! Vamos construir
nossa Maquete da cidade dos sonhos para as
crianças!

Selecione um suporte de papelão, madeira, isopor,
ou qualquer material que disponha que tenha uma



consistência rígida. Este será nosso pedaço de chão, nossa cidade!

Etapas 1: Construindo relevos

1. Em uma placa de isopor desenhe formas de diferentes tamanhos: uma maior, depois outra menor e menor e assim por diante.
2. Recorte as plaquinhas de isopor. Importante: Chame um adulto para lhe ajudar a trabalhar com estilete.
3. Coloque as plaquinhas de isopor, uma em cima da outra, sobrepostas construindo montanhas, planaltos, morros, colinas, penhascos e costões!
4. Cole com cola de silicone estas partes bem grudadinhas. Seu ajudante adulto pode arredondar com o estilete as quinas dos degraus das placas.
5. Besunte cola de silicone pelo isopor e cubra o com papel crepom.

Etapas 2: “Os seres em pé!”

Vamos representar um pedacinho da nossa flora e construir árvores de todos os tamanhos.

1. Tenha em mãos palitos de churrasco cortados ao meio.
2. Com pedaços de papel crepom, amasse levemente com as duas mãos em forma de bolotas.
3. Pingue gotinhas de cola na pontinha do palito
4. Una a ponta do palito com cola no meio da bolota de papel crepom
5. Aperte com os dedos para grudar bem o papel no palito.
6. Espete em bases de isopor ou massa de modelar. Anime-se a repetir estes passos e a fazer mais uma e mais outra e outra, até perceber que o povo em pé será bem representado na sua cidade.
7. Vamos fazer uma composição distribuindo os morros, as lagoas, o mar e os animais existentes nestes ecossistemas?
8. Selecione pequenos animais de brinquedo para anexar nos relevos da sua cidade!
9. Componha o espaço!



**Artistas que
inspiram**

Grafiti e Arte de Rua

Arte de rua pode ser muita coisa: a gente vê ela quase todos os dias que passeamos pela cidade. Em alguns casos, arte de rua pode tanto **representar** a cidade como **transformá**-la. Pensa no grande mural do Rizo no Centro de Florianópolis. Ele mostra a natureza exuberante da nossa ilha e mar, mas também coloca no centro uma pessoa com arte corporal indígena, marcando nossa cidade como um lugar que recebe e afirma os guaranis, xoklengs e kaingangues, que moraram aqui há séculos. Ou olha embaixo, numa obra fantástica de um artista anônimo em Campo Grande-MS, onde muro e árvore se transformam em um menino que admira o bairro, conectando as folhas com um penteado afro.



Arte de rua em Campo Grande

O Shabono Yanomami



Os Yanomamis ocupam a região norte do Amazonas e constroem suas aldeias em formato circular, chamando-as de “shabonos”. Seu dimensionamento é feito conforme ao número de ocupantes que abriga, e normalmente reside apenas um grupo familiar em cada casa.

Possui um grande vão central, chegando a quase 15 metros, que é coberto por folhas de palmeiras, sobre a estrutura de galhos e varas. Forma um espaço ótimo para a convivência e também para a proteção, com um pátio amplo para brincar, socializar, comer juntos, ou fazer rituais.

Em Burkina Faso, região oeste da África, existe uma pequena vila chamada Tiébélé, onde moram os Kassena, que constroem casas como obras de arte. Cada residência possui um certo padrão de pintura e cor, garantindo uma “cara” única para cada casa. Os mausoléus ficam juntos às residências comuns e trazem sua própria beleza, também expressa por meio da pintura nas paredes.

Todos os anos, passado o período de chuvas, as casas são repintadas pelas mulheres do grupo. Os símbolos são tradicionais da cultura Kassena e trazem seus próprios significados, além de representarem o dia a dia dos moradores.





A Usina da Imagem é uma Organização da Sociedade Civil (CNPJ 24.629.213/0001-45) que desenvolve atividades ligadas à cultura e à arte. Funcionando informalmente há vinte anos pelo trabalho da antropóloga Rita da Silva e do filósofo Kurt Shaw, foi oficializada em 2016 em Florianópolis/ SC. Realiza pesquisa, formação, produção cultural, desenvolvimento de produtos audiovisuais e mobilização comunitária para processos de valorização e transformação cultural em diferentes meios, envolvendo especialmente crianças e jovens. Assim inspiramos indivíduos, coletivos e comunidades a valorizar suas culturas e conhecimentos para promover a equidade de raça, gênero e promover o diálogo e o vínculo inter-geracional. Um dos eixos fortes da Usina são campanhas e advocacy, buscando assim também influir na criação e aprimoramento de políticas públicas, sempre através da arte e da criatividade.

Rita de Cácia Oenning da Silva e Kurt Shaw - Concepção e coordenação geral
Marion Batista de Martino - Oficinas de artes visuais
Sandra Oenning da Silva - Administração e suporte
Carolina Buss da Silva - Materiais e produção